



“Notícia do Dia”: a representação da Polícia Militar de Minas Gerais na página 3 do “Super Notícia”¹

Marise Baesso TRISTÃO²
Christina Ferraz MUSSE³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Geras, MG

RESUMO

A representação ganha importância cada vez maior na atualidade, onde as formas de se retratar o mundo e ver a realidade são mais midiaticizadas. Neste artigo, buscamos mostrar a representação de um dos organismos que se apresenta como tradicional em Minas e cujo trabalho está relacionado à ordem, à prevenção e à repressão da criminalidade: a Polícia Militar de Minas Gerais retratada na “Notícia do Dia”, principal seção do jornal mineiro de linha popular “Super Notícia”. Por meio da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, matérias de 91 periódicos serão estudadas, no período de abril a junho de 2011. A seção ocupa a página 3 do jornal, considerada a de maior visibilidade no meio impresso, sendo, no caso do veículo em questão, a que traz a manchete de capa em quase todos os dias.

PALAVRAS-CHAVE: representação; narrativa; Polícia Militar; jornal impresso.

Introdução

As representações sociais não são estáticas, estão em constante transformação. De origem latina (*repraesentationis*), o termo representação tem alguns significados. Conforme afirma Aluizio Ramos Trinta, ele pode significar o ato de representar; a expressão ou designação por meio de símbolos; ação ou fala em nome de uma pessoa ou grupos de pessoas; uma ideia ou imagem mental; a produção ou performance de uma peça de teatro. A representação é uma forma, um retrato do mundo e serve, assim, para fixar ou reafirmar estereótipos de todos os tipos e em todas as esferas sociais, profissionais, de gênero, étnicos, etc. Muitas vezes, estas formas de retratar o mundo são pejorativas, enquanto, em outras, são visões idealizadas e apresentadas como “normais”.

Trinta acredita que, no caso da comunicação, o objeto mais comum são as representações sobre a maneira de encenação de pessoas, processos e estados. O objeto é reconstruído no nível da representação. Portanto, uma coisa seria o objeto e a outra, a representação dele. Socialmente falando, o primeiro não existiria sem o segundo. Este autor diz que as formas da representação podem ser a distorção, a suplementação e a

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Jornalista e mestre em comunicação pelo PPGCOM - UFJF, email: marisebaesso@hotmail.com

³ Jornalista e professora, doutora em comunicação, email: musse@terra.com.br



impressão. Na distorção, as características estão presentes no objeto, mas vão aparecer mais exageradas ou aquém do que deveriam se mostrar. A suplementação seria a colocação de aspectos inexistentes no objeto, para adaptá-lo aos valores dominantes. Já na impressão, parte dos aspectos formadores dos objetos é extinta por critérios conotativos, ou seja, critérios que podem ser figurados e dependem sempre do contexto. “A representação seria, ao mesmo tempo, uma construção do objeto afastado do original e uma presença do mundo exterior na mente do indivíduo.” (TRINTA, sem data, p. 2).

Neste artigo, ressaltaremos as representações da Polícia Militar de Minas Gerais na seção “Notícia do Dia”, do jornal “Super Notícia”, criando algumas categorias após realizarmos uma análise de conteúdo, com base nos ensinamentos de Laurence Bardin (1979).

Representações midiáticas

As representações midiáticas, em vez de serem consideradas um enquadramento possível, uma construção simbólica, acabam sendo tomadas como substitutivas da pessoa, do objeto ou, no nosso caso, da corporação representada. Os meios de comunicação se colocam entre os provedores principais de representações.

Representações midiáticas fazem parte do ambiente cultural em que se dão o pensamento, julgamento e ação dos seres humanos. Embora haja outras agências de produção de representações, como a escola, a ciência, o sindicato, para a maioria das pessoas, os meios são os provedores primordiais de representações sobre o estado da sociedade, da política, dos costumes, dos valores. Sua análise é, portanto, necessária, para afastar uma leitura ingênua dos meios, introduzindo o distanciamento e a “críticidade” nas audiências (TRINTA, sem data, p. 5).

A mídia influencia fortemente nas referências das pessoas e na construção das realidades porque as identidades têm dialogado intensamente com os meios de comunicação na contemporaneidade. Kellner (2001, p. 54) lembra que, desde a década de 1960, os Estudos Culturais britânicos vêm mostrando como a cultura da mídia produz identidades e formas de ver e agir que integram as pessoas na cultura dominante. Possibilitados pelas novas tecnologias, os meios de comunicação se tornam os mais rápidos e os principais difusores e portadores de textos e imagens. Desta forma, influenciam a visão de mundo do público.

O antropólogo indiano, radicado nos Estados Unidos, Arjun Appadurai (1991, p. 54) ressalta que as populações irão perceber novas formas de vida e reinventar os laços e os espaços de identificação por meio da mídia, incluindo imprensa e indústria de



entretenimento. Desta forma, a mídia também acaba influenciando as organizações e suas identidades. Mas os Estudos Culturais, conforme Kellner, também ressaltam que uma das funções da mídia dominante seria reforçar e conservar fronteiras, legitimando o domínio de classe, da raça e do sexo hegemônico.

A relação espaço-tempo também está modificada neste mundo globalizado. O território já não é mais o geográfico e sim, cada vez mais, o cultural, o ideológico, aquele com o qual nos familiarizamos por algum motivo, facilitados pela tecnologia, pelos meios eletrônicos. Cicília Peruzzo destaca:

O território novo que surge pode ser de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação de informação, etc. [...] Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião, etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crença, etc.) são tão importantes quanto as de base física (PERUZZO, 2005, p. 4).

Os contatos diretos há muito deixaram de ser os únicos e, desde a segunda metade do século XX, começam a perder terreno como principais meios que vão interferir na formação de identidades, enquanto os veículos de comunicação assumem papel central na constituição das sociedades. Os contatos indiretos são possíveis e mais versáteis com as invenções tecnológicas, com o avanço dos meios tradicionais de comunicação e, principalmente, o da internet.

Apesar de reconhecidamente definitiva para a formação de ideias no mundo atual, a mídia não está sozinha, e vários discursos atravessam o dela.

As situações locais, nacionais e globais dos nossos dias são articuladas entre si por meio dos textos da mídia, esta, em si mesma, é uma arena de lutas que os grupos sociais tentam usar com o fim de promover seus próprios programas e ideologias, e ela mesma reproduz discursos políticos conflitantes, muitas vezes de maneira contraditória (KELLNER, 2001, p.32).

Acreditamos que a mídia também é responsável pela disseminação de um discurso contraditório sobre a Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG).

À medida em que crescem as formas de comunicação mediadas sobre esta corporação, aumenta a importância de que se pense sobre os filtros existentes neste processo de representação. Lembrando que a mediação acontece, em primeira instância, por meio da linguagem. O autor português João Carlos Correia afirma:

A linguagem aparece, assim, associada ao viver em comum. É através da mediação, designadamente, a mediação linguística, que se manifestam as expectativas recíprocas em que assentam as diversas interações praticadas



no mundo da vida. A consciência da importância crescente das mediações simbólicas significa a abertura de um campo de tensão no qual se não aceita a absoluta conformação do mundo num sentido unilateral, mas, antes, se reconhece a teia de relações complexas entre a linguagem e o mundo da vida (CORREIA, 2005, p. 9-10).

O que faz com que um acontecimento se torne real é o meu conhecimento sobre esta realidade. Não como ela se deu, mas como foi vista pelo receptor e o que o influenciou ao ler determinada questão de uma maneira e não de outra.

A representação da PMMG e o “Super”

Ao analisarmos a representação da PMMG em um determinado meio de comunicação, especificamente no jornal impresso “Super Notícia”, vamos procurar evidenciar a importância da mediação na representação de uma corporação tradicional e bicentenária no estado. O periódico, da linha do jornalismo popular, tem o formato tabloide e apresenta, em média, 32 páginas diárias. Não possui editoriais de “Economia” e “Política”. Seus temas são subdivididos em “Opinião”, “Cidades”, “Geral”, “Variedades” e “Esportes”. As notícias de Minas Gerais, com predomínio dos assuntos que envolvem a criminalidade, mortes violentas, acidentes de trânsito e os chamados *fait divers*, concentram-se em “Cidades”.

Conforme Noronha (2007), a linguagem do “Super” é direta e objetiva. “Podemos considerar que, em sua maioria, as notícias do ‘Super’ se encerram no *lead*, ou seja, no ponto principal do acontecimento, sem discorrer muito sobre os detalhes. Nesse aspecto, assemelham-se às notícias da Internet, curtas, com o conteúdo sucinto.” (NORONHA, 2007, p. 40). Em seu estudo, Noronha percebeu que, mesmo na matéria de capa (a “Notícia do Dia”), nota-se uma superficialidade na abordagem dos acontecimentos. Apesar disso, é um jornal que

Ao contrário dos antigos jornais populares e sensacionalistas, como Notícias Populares, por exemplo, Super Notícia não utiliza termos chulos ou baixos, embora aborde com frequência assuntos sangrentos e polêmicos. Seria improvável encontrar, no Super, manchetes como "Aumento de merda na poupança", "Bicha põe rosquinha no seguro", "Broxa torra o pênis na tomada", já publicadas no extinto Notícias Populares. Entretanto, nem tão ao céu, nem tão à terra, nas manchetes do Super Notícia há sempre doses de ambiguidade, polêmica, comicidade ou curiosidade, com destaque para as manchetes da capa. (NORONHA, 2007, p. 41).

O tabloide é considerado importante para a quebra de antigos tabus na imprensa mineira, por ter, por exemplo, desbancado a liderança de venda do “Estado de Minas”, depois de quatro décadas, em janeiro de 2006. Até 2008, nenhum jornal do estado havia



atingido liderança de vendas em circulação nacional. Antes desta publicação, o estado ocupava o 23º lugar no quesito leitura de periódicos entre os 27 estados do país. Agora, Minas está no oitavo lugar.

Segundo Noronha (2007), baseado em pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos Marplan, em 2006, o jornal tinha 4% de seus leitores na classe A, 26% na B, 52% na classe C, 17% na D e 1% na classe E. Levando-se em conta estas porcentagens, a massa de leitores do periódico estava nas classes B e C, que juntas somavam 69%. Esta autora também destaca que o jornal faz promoções sistemáticas, vendendo desde panelas a kits para jogos da Copa do Mundo. Ela afirma que as reportagens são curtas e que, mais que informação, há diariamente espaço para o *fait divers*.

As vendas são realizadas principalmente na região metropolitana da capital mineira, mas o jornal tem entrada na maioria das cidades do estado. Segundo dados divulgados pelo próprio jornal, em maio de 2007, o veículo chegava a 116 municípios mineiros. Já em março de 2008, este número havia saltado para 350. Segundo o editor Rogério Maurício Pereira, em entrevista a esta autora, o “Super” hoje tem entrada em cerca de 400 cidades.

A Polícia Militar presente na “Notícia do Dia”

A seção “Notícia do Dia” é a principal aposta do jornal. Em geral, ela ocupa toda a página 3 do tabloide, sempre com utilização de retranca, fotografias e, em muitos casos, a matéria é complementada com uma seção denominada “Minientrevista”, na qual é destacada a opinião com algum “personagem” envolvido no caso ou alguma autoridade.

Para fazer nosso estudo, utilizamos a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1979). Bardin sugere, em sua obra, várias maneiras de se analisar um objeto. Segundo esta autora francesa, a análise pode ser feita em cinco etapas: a organização, a codificação, a categorização, a inferência e o tratamento informático.

No material analisado, o discurso da corporação mineira aparece em quase 60% destas reportagens da página 3. Das 91 matérias, em 54, a PM foi ouvida ou é citada. A narrativa do “Super” reforça o discurso desta corporação porque, destas 54, a PM é a única fonte ou a fonte principal em 28 delas, o que significa 30,7% do total. Apesar da forte presença da PM nos textos da seção, no que diz respeito ao título, a referência ao nome da instituição é feita em apenas quatro deles, o que representa 4,39%. A narrativa é construída, no primeiro parágrafo, tentando aproximar o leitor da história dos



personagens, para, no segundo parágrafo, haver a confirmação do caso, em geral, por meio do discurso de um policial ou da corporação, sem identificação de fonte específica.

Com relação ao tema, entre as 54 matérias, entendemos que, em 30, os assuntos podem ser considerados neutros em relação às ações policiais, por serem narrativas em que predominam assassinatos que envolvem marido e mulher ou outro familiar, como filho que matou a mãe ou amigas que foram mortas, empresário assassinado, entre outros crimes contra a vida que foram apenas registrados pela PM.

Outras 12 “Notícias do Dia” foram consideradas desfavoráveis em relação à representação da Polícia Militar por mostrarem a polícia que, de certa forma, não alcançou seus objetivos. Nestes casos, encontram-se os que mostram integrantes da corporação que praticaram assassinatos passionais, um mostra um PM envolvido em um esquema de fraude de CNH, ou seja, a representação desfavorável, em sua maioria, seria contra integrantes da corporação. Três mostram ações policiais fracassadas, como o caso em que uma dupla driblou 55 policiais e fugiu, um homem conseguiu fugir após assaltar uma mansão, o caso em que a PM não consegue controlar o uso e o tráfico de drogas na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, além de matérias que narram a criminalidade violenta como incômoda, como a manchete que ressalta um fim de semana com 13 assassinatos em Belo Horizonte, a que aponta o 15º ônibus incendiado na capital mineira, entre outras.

Em outras 12 manchetes, entendemos que o peso foi mais favorável para a representação da PM. Nestes casos, destacamos as matérias que mostram que a PM conseguiu evitar que um homem fosse linchado em um bar; prisões de falsificadores de documentos; prisão de “ricaços” por sonegação; prisão do “bandido mais procurado” de BH; prisão de traficantes, que usam “cada vez mais artimanhas mais tecnológicas”, segundo diz o título de uma das matérias; PM que controla revolta de moradores que estão sem energia elétrica; PM que faz megaoperação e prende policial civil corrupto; PM que evita assassinatos em uma pequena cidade, entre outras.

Entre as 54 matérias que mencionam a PM, separamos os temas assim:



TEMAS NOS QUAIS A POLÍCIA MILITAR É CITADA NA “NOTÍCIA DO DIA”

Matérias relativas a homicídios e tentativas de homicídios	21
Matérias que relatam prisões por motivos diversos sem ser homicídios	11
Outras (matérias que relatam medo, ameaças, golpes, fraudes, <i>fait divers</i> em geral)	22
Total	54

Outras 19 matérias que se referem à criminalidade ou a condutas desviantes não fazem nenhuma referência a polícias e 18 fazem menção ou entrevistam integrantes de outras corporações, principalmente a Polícia Civil. Estas foram apenas lidas, mas não serviram de material para este estudo.

Para a análise, criamos algumas categorias diante das repetições encontradas nas reportagens ao longo dos três meses. Estas categorias dizem respeito a fontes, temas, discursos e versões predominantes no texto, entre outras. Vamos à análise:

a) Polícia Militar de Minas Gerais como fonte (autoridade incontestada)

Entre as 54 matérias em que a PM é ouvida, em 20, ou seja, 37%, a corporação aparece como fonte, sem citação de nenhum integrante. Nestas matérias, o relato é construído sempre com o discurso preponderante da PM. Em geral, o nome da corporação aparece abrindo o segundo parágrafo, depois de a história do crime já ter sido abreviada no *lead*. Vamos a um caso para exemplificação:

Na “Notícia do Dia” de 10 de abril de 2011, *Bêbado enciumado mata homem em bar - Irritado porque vítima teria tentado seduzir a mulher dele, suspeito assassinou homem em boteco de Contagem*, apenas a Polícia Militar aparece como fonte, sem citação de nenhum policial ouvido. Vejamos o primeiro e o segundo parágrafos.

Uma briga por causa de uma mulher acabou na morte de um homem de 37 anos, na madrugada de ontem, no bairro Vila Santa Luzia, em Contagem, na região metropolitana. Com apenas uma facada, Márcio Adriano Santos, de 35 anos, matou Vanderlei Brás Lacerda. Os dois estavam embriagados na hora da discussão.

De acordo com a Polícia Militar (PM), os dois homens estavam dentro de um bar e por volta de 1h começaram a discutir. Márcio relatou aos policiais que queria apenas assustar Vanderlei com uma faca porque ele havia tentado seduzir a mulher dele há alguns dias. Na delegacia, ele confessou que desferiu o golpe na vítima. Após cometer o crime, frequentadores do bar, revoltados com a situação tentaram linchar o suspeito. A polícia foi acionada e conseguiu



impedir que Márcio fosse assassinado. Ele foi socorrido e encaminhado para o Hospital João XXIII onde ficou escoltado por policiais até a manhã de ontem.

b) A história narrada pelos praças

Ao contrário do que se poderia imaginar, não são os policiais oficiais, ou seja, das patentes mais altas, que têm seus nomes divulgados com maior frequência nesta seção do “Super” e sim os praças. Eles aparecem como responsáveis pela informação e com falas em 22 matérias do total de 54, o que representa 40,7% do total. Estes policiais que contam os crimes aos jornalistas e têm seus nomes divulgados com maior periodicidade nas páginas do jornal são soldados, cabos e sargentos. Eles são identificados pela patente e pela companhia que representam.

Nossa análise é de que o policial ouvido é aquele que está na rua ou que participou do flagrante e vai contar para o repórter aquilo que presenciou. Entendemos que, como são casos que envolvem, em geral, pessoas de classes mais baixas e crimes que acontecem com frequência em determinadas áreas, acabam sendo “explicados” ou “contados” por policiais das patentes inferiores na hierarquia militar.

Ao compararmos todo o material da “Notícia do Dia”, percebemos que os oficiais, como veremos a seguir, são as fontes ouvidas em crimes de maior repercussão social, crimes que não são *fait divers*, que exigem um “discurso” mais elaborado dos profissionais da Assessoria de Comunicação Organizacional, preparados para lidar com a imprensa, ou de integrantes do próprio comando. Observemos um exemplo que separamos para ilustrar o que dizem os praças na “Notícia do Dia”:

Matéria do dia 23 de abril, que recebe o título *Mata o marido com facada no peito*. “De acordo com o sargento Carlos Noel Soares, da 10ª Cia do 5º Batalhão, a auxiliar de produção Avenilce dos Santos acionou a PM após esfaquear o marido na sala da casa. Ela relatou que o companheiro Rodrigo Luciano Lopes, de 33 anos, bebeu vinho, conhaque e cerveja durante todo o dia enquanto escutava música [...]” Note-se que não há contestação, e ao policial é dado o direito de relatar o que a suposta autora teria dito. Ou seja, o poder da autoridade da PM é reafirmado. É ela que tem “a verdade” que será contada no jornal ainda que seja um sargento da corporação.

No caso das cidades do interior, a dependência do jornal pelo que diz a PM é ainda maior e, até mesmo em ocorrências nas quais os envolvidos são autoridades, predomina a informação divulgada por praças da corporação, como na “Notícia do Dia” de 4 de junho de 2011, que envolve o prefeito da cidade de Abre Campo, na Zona da Mata. A matéria traz o seguinte título: *Prefeito assume que usa crack*. Apesar de ser a



principal autoridade do município, a matéria se baseia, principalmente, naquilo que é informado pelo sargento Fernando dos Santos, da 118ª Companhia da PM de Rio Casca, onde o prefeito foi flagrado. Esse exemplo reforça o que diz Traquina (2005) a respeito da diferença de cobertura entre os fatos que acontecem nos grandes centros, próximo das sedes dos conglomerados de comunicação, e aqueles que ocorreram em outros espaços.

c) A história narrada pelos oficiais e pelo comando

Notamos as falas dos oficiais da PM em casos considerados de maior repercussão, seja em operações contra o tráfico de drogas ou contra documentos falsificados, ou naqueles mais complexos ou delicados, que envolvem crimes praticados por membros da corporação. As falas destes policiais (tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel) aparecem em 12 matérias nesta seção, ou seja, 22,2% do total de 54 reportagens. Vejamos os exemplos encontrados.

No dia 4 de abril, na matéria *Falsificadores de documentos presos - Membros da quadrilha cobravam R\$ 100 para fazer a prova de legislação no lugar do candidato, em Sabará*, vejamos parte do texto com a fala de um major da corporação:

Ao levantar a ficha criminal do suspeito, a polícia teve uma outra surpresa: havia um mandado de prisão em aberto contra ele por falta de pagamento de pensão alimentícia. Ao vistoriarem o carro do suspeito, de acordo com major Gilmar Soares, os militares encontraram 50 identidades falsificadas, um computador portátil além de dinheiro e cheques. Segundo a polícia, o acusado confessou a falsificação dos documentos de identidade e que cobrava R\$ 100 para fazer a prova de legislação no lugar do candidato a motorista.

Em casos de repercussão, também notamos o discurso de oficiais da corporação, como no dia 24 de abril de 2011. A matéria foi a seguinte: *Contagem. Bandido mais procurado pela polícia é morto*. No texto, observamos uma valorização do trabalho policial. A matéria diz que o homem morto é um dos mais procurados da cidade. Será que, para justificar o fato de tê-lo matado em combate, a polícia destacou que ele era um dos mais procurados? O jornal não só reafirma o que diz a PM, como apenas a corporação é ouvida na matéria, ou seja, o veículo vai legitimar o discurso da PM sobre a morte do bandido. Ninguém da comunidade na qual ocorreu o crime tem voz. A explicação é dada por um capitão. “De acordo com o capitão Paulo Roberto Alves, que comandou a operação, o grupo teria ido ao aglomerado para um acerto de contas. Eles estavam preparados para um confronto, já que Élvís (o homem assassinado) teria perdido o gerenciamento das vendas de drogas no local.”



No dia 8 de abril de 2011, a “Notícia do Dia” tem como tema o caso de um casal de sargentos, no qual a mulher acaba matando o namorado. A manchete é *Sargento apanhou antes de matar namorado. Imagens do circuito interno de restaurante mostram as cenas da agressão e podem ajudar no julgamento da policial*. Tanto vítima como autor eram sargentos da PM. Eles eram namorados: Andréa Ferreira da Silva, de 23 anos, e Gerônimo Lemes Barros, 38. Ambos trabalhavam juntos, e a matéria tenta mostrar que a mulher teria agido em legítima defesa. O primeiro discurso que aparece é o do advogado dela. Também foram divulgadas três fotos, que são reprodução de um vídeo do bar, que teria flagrado imagens do sargento dando socos no rosto da namorada e, por isso, ela teria reagido.

A explicação de especialistas e a fala do tenente-coronel da PM, que é o chefe da assessoria de comunicação da PM, estão na retranca *Vídeo sozinho não inocenta*. “O tenente-coronel Alberto Luiz Alves, chefe da assessoria de comunicação da PM, não quis comentar o vídeo. Ele afirmou que cabe ao poder judiciário avaliar as provas colhidas após o encerramento das investigações.” Note-se o pudor no caso, no qual não serão levantadas hipóteses, nem levadas em considerações as versões de testemunhas na fala daquele que representa oficialmente a corporação diante da imprensa.

d) A voz do policial militar no lugar de outras vozes

É recorrente, na narrativa do “Super”, a voz de um policial militar para contar o fato e tirar “conclusões” sobre o ocorrido, mesmo quando isso depende de uma investigação da Polícia Civil. Vejamos os exemplos em dias variados do período analisado de assuntos que deveriam ser tratados até mesmo por outras fontes: “Segundo o soldado Sérgio Rodrigues, o corpo não foi identificado por causa do estado avançado de decomposição”. Neste caso, quem deveria falar seriam os peritos da Polícia Civil (matéria do dia 9 de abril de 2011). “Ainda conforme o militar, Gusmão foi autuado em flagrante pelo crime de homicídio”. Esta informação deveria ter sido confirmada pelo delegado da Polícia Civil que vai investigar o caso (reportagem do dia 5 de abril de 2011).

No dia 26 de abril, na matéria *Empresário é morto a tiros em Contagem*, há informações da Polícia Civil, mas é um policial militar que estava no local quem afirma: “Ainda é cedo para dizer o que aconteceu. O fato é que a carteira com documentos, dinheiro e cartões de crédito foi levada, assim como o carro. Ao que tudo indica, estamos lidando com um latrocínio, explicou o cabo Luiz Gustavo”.

Na matéria *Diretora é ameaçada de morte*, do dia 12 de maio, o mesmo se repete. Vejamos o texto:

A suspeita é que a ação tenha sido um ato de vingança praticado por adolescentes que não estudam na escola - a Polícia Militar não descarta a



participação dos próprios alunos. Policiais contaram que muitos adolescentes pulam o muro da escola para conversar com os alunos e são repreendidos com rigor pela diretora, Nívea Ferreira, e professores.

Notemos que é a PM que fala pela diretora. A representante da Secretaria de Estado da Educação é ouvida no parágrafo seguinte: “Testemunhas contaram à polícia que, na noite de segunda-feira, quatro adolescentes pularam o muro da escola”. Mas, em seguida, um policial volta a se pronunciar: “Eles não souberam informar quem eram os rapazes, mas nós já temos suspeitos”, disse o cabo Portes”. As investigações são realizadas pela Polícia Civil, portanto, esta conclusão de quem participou deveria caber a esta instituição policial.

Em outra matéria, do dia 23 de abril, sob o título *Mata o marido com facada no peito*, é a PM quem determina o local em que o golpe de faca atingiu a vítima, o que deveria ser informado pela perícia. No entanto, o discurso é aceito e assumido pelo jornal, tanto é que o local da facada é noticiado no título da matéria. A informação da PM é “[...] De acordo com a PM, a facada atingiu o coração do homem. Assustada com a quantidade de sangue no chão da sala, a mulher ligou para a polícia e o Corpo de Bombeiros, mas o homem já estava morto.”

A proximidade do policial com a imprensa e a pressa em obter as informações, ainda que elas não sejam definitivas, já que a perícia ainda fará a análise e o laudo, levam o repórter a usar o discurso e as hipóteses do policial militar como se fossem a única “verdade” da história. Dessa forma, o que o policial informa transforma-se no fato, que será contado, ainda que haja imprecisões, inevitáveis diante da diferença de tempo da imprensa e da apuração de um crime.

f) Valorização do trabalho da PM como justiceira e mantenedora da ordem

Analisamos aqui que a corporação que aparece na “Notícia do Dia” é a que ajuda a manter a ordem, capaz de dar conta deste risco permanente em que a sociedade se encontra. Para isso, muitas vezes, a narrativa reforça a importância das ações contadas. No jornal do dia 24 de abril, o título da “Notícia do Dia” é *Bandido mais procurado pela polícia é morto*, que já serviu de exemplo em item anterior, também se encaixa aqui. É evidente que a narrativa reforça um discurso que é o da corporação. É ela quem diz que este é o criminoso mais procurado que seria suspeito de “pelo menos” 50 homicídios, além de assalto e tráfico de drogas. Além disso, o fato de ele ser o mais procurado justificaria para o leitor a sua morte pela corporação, que teria feito, então, “a justiça”. Na ação, também morreu um jovem de 17 anos, que, segundo a PM, seria “o braço direito” do traficante. Mas o discurso em prol da PM, com justificativas para as ações, continua, já que “um policial também ficou ferido em uma das pernas pelos estilhaços dos tiros”. Com os suspeitos, ainda foram apreendidas, segundo a reportagem, armas e drogas, que são especificadas na matéria.



Na “Notícia do Dia” de 14 de junho de 2011, o jornal ressalta outro trabalho policial, que chama de “megaoperação”, realizada para a prisão de um policial civil. A matéria traz o seguinte título: *Na contramão da Afonso Pena. Polícia monta megaoperação e prende policial civil que, mesmo com 224 pontos na carteira, trabalhava como perueiro*. Percebemos que a narrativa favorece a versão da PM, e o jornal assume o contado por um policial como a verdade. Nem sempre aparece quem é a fonte desta informação. Esta é colocada como se fosse a única possível na matéria principal. O suspeito será ouvido apenas na retranca.

A matéria conta a seguinte versão:

Com a CNH cassada, depois de acumular 224 pontos, um policial civil foi preso após fugir de uma blitz da Polícia Militar, na manhã de ontem, na avenida Afonso Pena, na região Centro-Sul de Belo Horizonte. [...] Ele estava sendo procurado desde a semana passada, quando escapou de duas operações da PM. Desta vez, não teve a mesma sorte. [...] Ao ver os militares, ele manobrou bruscamente e dirigiu por mais de um quarteirão na contramão. [...] A perseguição ao perueiro durou quase uma hora e envolveu 15 viaturas e quase 50 PMs, com auxílio do helicóptero da polícia.

A fala para explicar o ocorrido é de um sargento:

Ao chegar ao aglomerado, ele deixou duas passageiras descer, mas elas não foram localizadas. Depois, o suspeito continuou em fuga, abandonando o seu carro no estacionamento de um prédio, onde correu para um matagal”, explicou o sargento Sérgio Lopes, do Batalhão de Trânsito. Ainda de acordo com Lopes, o motorista se escondeu [...].

Também podemos dizer que a PM, que é representada nesta seção, é a que consegue impedir uma tragédia ainda maior quando chega ao local do crime, mesmo após ele já ter ocorrido. Esta situação pode ser exemplificada com a matéria publicada no dia 10 de abril, sob o título *Bêbado enciumado mata homem em bar*. No primeiro parágrafo, a narrativa jornalística conta a história de uma briga por causa de uma mulher em Contagem e diz que, “com apenas uma facada, Márcio Adriano Santos, de 35 anos, matou Vanderlei Brás Lacerda. Os dois estavam embriagados na hora da discussão.” O segundo parágrafo começa como destacamos anteriormente: “De acordo com a Polícia Militar...”. No parágrafo seguinte, está a frase necessária para destacarmos o que dissemos acima: “Após cometer o crime, frequentadores do bar, revoltados com a situação, tentaram linchar o suspeito. A polícia foi acionada e conseguiu impedir que Márcio fosse assassinado. Ele foi socorrido e encaminhado para o Hospital João XXIII, onde ficou escoltado por policiais até a manhã de ontem”.

Na “Notícia do Dia” de 3 de junho de 2011, o jornal trata de uma história de abuso sexual e mostra, por meio de sua narrativa, que o caso só “chegou ao fim” por interferência



da PM. A voz é de um soldado da corporação. A matéria é *Abusa e engravida a própria filha, Caseiro de mansão no Mangabeiras é preso após ser denunciado pela família ; violência sexual era praticada há 9 anos*. O texto diz o seguinte:

Ontem, finalmente, após muitas tentativas em vão, ela conseguiu denunciar o caso à polícia. O suspeito, que também é acusado de abusar de outra filha, três anos mais nova que V., foi preso e negou as acusações. A polícia chegou ao suspeito após uma denúncia feita pelo irmão dele, um gesseiro de 35 anos. Quando eu soube da situação, há mais ou menos cinco anos, tanto eu quanto minha sobrinha ligamos para o disque-denúncia, mas nada acontecia. Tenho procurado a Justiça e a Polícia Civil, mas nada foi feito”, afirmou o tio da vítima. Cansado de perambular em vários órgãos de segurança atrás de ajuda, o gesseiro decidiu ontem procurar a 127ª Companhia do 22º batalhão da Polícia Militar. “Ficamos sensibilizados com a denúncia e, antes de fazer a prisão, conversamos com a garota, que confirmou os abusos, informou o soldado Edson Pimentel.

A Polícia Militar mantenedora da ordem aparece em casos de possíveis conflitos que não envolvem a questão da criminalidade. No dia 12 de junho de 2011, a “Notícia do Dia” destaca a seguinte manchete: *Demora da Cemig revolta moradores – Mais de 48 horas após temporal, todas as regiões de BH ainda sofriam com falta de luz*. É a corporação que aparece na reportagem como aquela que vai controlar a manifestação de moradores por causa da falta de energia. As citações em relação à PM no texto são as seguintes: “De acordo com a Polícia Militar, no bairro Jaqueline, foi bloqueado o cruzamento das ruas Dois e Leila Diniz.” E ainda: “Seis viaturas da Polícia Militar e dois caminhões do Corpo de Bombeiros acompanharam a manifestação dos moradores, considerada pacífica.”

A valorização do trabalho da PM acontece até mesmo pela publicação de assuntos curiosos que passariam sem destaque nos chamados jornais de referência, os *quality paper*. No “Super”, ganham a manchete e a “Notícia do Dia” temas como a apreensão de 6kg de maconha. Esta ação poderia ser mais uma corriqueira, sem destaque na imprensa. No entanto, o fato de a droga ter sido encontrada escondida na geladeira, em meio aos legumes, que ajudavam a disfarçar o cheiro, chama atenção. Como a prisão foi realizada pela Polícia Militar, o discurso que permanece é aquele de que a corporação conseguiu tirar de circulação mais um traficante. No entanto, o traficante mostrado por meio da narrativa do “Super” é aquele que justifica sua ação, dizendo que está desempregado e, por isso, não teria tido escolha, a não ser buscar o sustento por meio do tráfico.

Considerações finais



As matérias da seção “Notícia do Dia” trazem como tema fatos que aconteceram em cidades das mais diversas regiões de Minas. Se formos realizar uma comparação, podemos dizer que nem todas as cidades mineiras têm todos os órgãos públicos instalados, mas, em todos os 853 municípios, está presente a PMMG. Portanto, esta corporação é utilizada pela imprensa toda vez que é preciso buscar uma melhor visibilidade daquilo que ocorre em todo o estado, até mesmo nos menores lugares.

Sendo assim, haveria uma relação de dependência da informação diante desta instituição pública. Mas, para que a informação tenha credibilidade, é preciso que também a fonte tenha. Desta forma, é preciso reconhecer que somente uma instituição já consolidada e com determinada credibilidade poderia prestar este papel, mesmo que seja através de seus representantes, que ganham voz nas matérias diárias do “Super”.

Em relação aos policiais cujos discursos aparecem na narrativa da publicação, percebemos não ser comum o contato do jornalista com o comando. A notícia policial é um dos tripés do jornal, respondendo hoje por até 30% do total de informações, segundo o editor do “Super”, Rogério Maurício Pereira, em entrevista a esta autora, em agosto de 2011. Apesar disso, não existe a editoria de “Polícia” no jornal, mas a de “Cidades”.

Quanto às poucas ações preventivas destacadas, entendemos que faltam ingredientes do espetáculo e do sensacional nestes assuntos, por isso, eles são raros. Já as ações policiais atendem aos critérios de noticiabilidade, principalmente nesta mídia, e estas dizem respeito à polícia que prende, que age nas ruas e que está mais próxima do chamado mundo-cão. É preciso ressaltar aqui que a intenção não é rotular o segmento dos jornais populares. No entanto, a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial ainda permanece como sustentáculo desta mídia.

Ao término de três meses de análise da “Notícia do Dia”, podemos perceber que a imagem desta corporação é construída e reconstruída a cada dia nas páginas do “Super”. Em casos de crimes contra a vida, que são a maioria do que compõe a narrativa da “Notícia do Dia”, como a PM é a fonte principal e a origem do assunto, há, muitas vezes, uma valorização do trabalho desta corporação.

Em geral, os assuntos nos quais a PM aparece como fonte são os *fait divers*, que ressaltam fatos banais, mas curiosos, que não colocam em embate a corporação e o criminoso, mas sim pessoas que, por algum motivo, seja uma briga em família, uma briga de casal ou o próprio desemprego, acabaram praticando algum crime ou um “desvio de conduta”, o que exigiu a interferência da polícia para que a realidade fosse colocada novamente em ordem, para que a vida voltasse à normalidade. Nestes momentos, a voz é



dada ao policial de baixa patente. Já em outros momentos de maior repercussão, os oficiais da corporação aparecem como a fonte a ser ouvida.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

APPADURAI, Arjun. 1991. **Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy**, Featherstone, Mike (ed.). **Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity**. London/Newbury Park/New Delhi, SAGE.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CORREIA, João Carlos. **Sociedade e comunicação: estudos sobre jornalismo e identidades**. Série Estudos em Comunicação. Direção: António Fidalgo. Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2005.

GUEDES, Maria da Consolação Resende. 2010. 236f. **Jornalismo popular-massivo: as estratégias utilizadas pelo “Super Notícia” para conquistar seu leitor**. Belo Horizonte, PUC-Minas. Dissertação de Mestrado, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. Ivone C. Benedetti. Bauru, SP: Edusc, 2001.

NORONHA, Flávia Lima Ayer. 2007. **Super fenômeno** - o sucesso de um jornal popular mineiro. Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. 2007.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p.67-84, 1º sem. 2005.

Super Notícia. Edições de 1º de abril a 30 de junho de 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - Volume I: Por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo** - Volume II: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2.Ed., 2008.

TRINTA, Aluizio Ramos. Identidade, identificação e projeção: telenovela e papéis sociais, no Brasil. In: COUTINHO, Iluska e SILVEIRA JÚNIOR, Potiguara Mendes (Org.) **Comunicação: Tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.151-164.

TRINTA, Aluizio Ramos. Texto sobre representações. Sem data.